

Aviso prévio

Sem inventar nada de novo, seguindo o bom senso do óbvio, o senador Jäder Barbalho, presidente do PMDB, produziu declaração seca e curta, que é um recado interno para o partido e um aviso aos que quiserem ser alertados: "O PMDB lançará candidato à presidência da República em 2002".

Para começo de conversa. Ora, se o presidente Fernando Henrique Cardoso, aos dois meses e meio do mandato bisado, não sabe em que condições dará conta dos três anos, nove meses e 14 dias que riscam no tempo uma linha que parece interminável e como não pode e nem tem como pensar em bancar o melenudo colega tanguista, é claro que o discurso de afirmação de partido com a estrutura do PMDB tem que sustentar a determinação de apresentar candidato próprio na próxima sucessão presidencial.

Mas, se é sabido, então para que ficar repetindo, como a cutucar o presidente com a precipitada especulação sobre assunto que desgosta a todos os detentores de mandatos executivos?

Bem, o senador amorteceu o tranco com a ressalva que é outra barretada à evidência. O PMDB, pondera com gravidade e voz empostada, não pensa em romper a aliança com o governo. Ao contrário, a disposição é de sustentá-la até o fim. Rodopia em volta do incontestável: "Nosso projeto não tem nada a ver com o governo Fernando Henrique. E o apoio não impedirá que o partido tenha candidato em 2002".

Esta mesma declaração, sem tirar ou acrescentar uma vírgula, pode ser repetida pelos dirigentes do PFL. E pelas mesmíssimas razões. É só uma questão de oportunidade ou de avaliação da melhor hora de bater na bombo para acordar o eleitor.

A coceira que inspirou o senador Jäder Barbalho a antecipar-se é a mesma que inquieta todos os partidos, provocando reações ajustadas aos interesses de cada um.

A atual versão do velho PTB de outras crônicas não perde o sono com o debate sobre teses. Pés firmes na terra, negocia com crua objetividade, reivindicando a participação no governo, pesando o valor dos cargos na balança dos votos da bancada. Insatisfeito com a magra fatia que lhe coube na distribuição do bolo, comunicou, de público, a quem de direito que continua a roer o osso que botaram no seu prato. Mas, doravante, a conversa muda de figura. O PTB arvora o pendão da independência e cada votação terá que ser negociada em transação direta.

Sem nenhuma surpresa para quem conhece o seu temperamento, o obstinado governador Itamar Franco vai em frente na caminhada solitária. Não olha para os lados, não espia para trás para conferir se continua só ou está sendo seguido. Na marcha batida, sem mudar o passo, espera chegar a 2002, quando decidirá seu destino.

A mais curiosa e surpreendente das reações é a de Lula. O eterno candidato do PT prepara-se para a quarta candidatura com uma jogada de calar os que sempre torcem o nariz à pretensão de um líder operário chegar à presidência: nos rigores do inverno europeu, na famosa e seis vezes centenária Universidade de Oxford, umas das referências acadêmicas internacionais, fará curso de três meses de aprimoramento cultural e, ao mesmo tempo, tiritando de frio, exercitará o inglês que vem praticando há algum tempo. Pode-se alegar que é muito curto o prazo de três meses. Tolice: certificado em inglês de conclusão de curso, de qualquer curso, em Oxford, vale mais que dez diplomas em português.

A especulação sucessória não tem começo nem fim. Emenda uma com a outra, na dança das ambições. Mas, passa por fases demarcadas por constrangimentos éticos. Assanhamento com tal precipitação, a dois meses e meio do início do mandato presidencial, é inédito. E a sua justificativa pendura-se na reeleição. Ou, mais exatamente, no desgaste galopante do governo, medido pelas últimas pesquisas.

O governo bisado envelheceu com a crise. Murchou, perdeu o encanto, o viço do vitorioso, o carisma do êxito do real, o charme da estabilidade econômica que ancora o valor de compra do salário da classe média e dos pobres.

No desânimo da festa que acabou antes de começar, quem perdeu a esperança no presente cuida dos planos para o futuro.